

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

O presente texto visa apresentar o projeto performático Mamilla Invertido como um ativismo articulado ao movimento Pornoterrorista de Diana J. Torres e uma forma de confronto à censura de mamilos vistos como “femininos”, a partir da sua ação principal de vestir os mamilos “masculinos” ironicamente intervêm na política do olhar. Pretendeu-se tecer diálogos teóricos com as autoras Judith Butler e Oyèrónkẹ Oyěwùmí para refletir sobre o "cistema" de gênero. Com objetivo de orientar a investigação, utiliza-se como método a prática como pesquisa de Ciane Fernandes e Melissa Scialom e, no intuito de guiar a formulação das práticas performativas, relaciona-se com a ideia de performance como lente metodológica de Diana Taylor e o princípio de programa performativo de Eleonora Fabião. Desse modo, observa-se que as ações desenvolvidas pretendem impulsionar ativismos e ocupar territórios com as presenças de corpos desgenderificados que provocam reflexão sobre a regulação imposta a algumas corpos, especialmente os/as/us feminilizados, no desejo de derrubar o regime patriarcal e hegemônico que violenta corpos dissidentes.

PALAVRAS CHAVES

Mamilos, Ativismo, Pornoterrorismo, Performance

RESUMEN

Este texto pretende presentar el proyecto performativo Mamilla Invertida como un activismo articulado con el movimiento pornoterrorista de Diana J. Torres y una forma de confrontación con la censura de los pezones considerados "femeninos", basada en su acción principal de vestir pezones "masculinos", interviniendo irónicamente en la política de la mirada. La intención fue tejer diálogos teóricos con las autoras Judith Butler y Oyèrónkẹ Oyěwùmí para reflexionar sobre el "sistema" de género. Para guiar la investigación, se utiliza el método de investigación-práctica de Ciane Fernandes y Melissa Scialom y, para guiar la formulación de prácticas performativas, se relaciona con la idea de performance como lente metodológica de Diana Taylor y el principio de programa performativo de Eleonora Fabião. Así, se observa que las acciones desarrolladas apuntan a promover el activismo y ocupar territorios con presencia de cuerpos género-neutrales que provoquen la reflexión sobre la regulación impuesta a algunos cuerpos, especialmente los cuerpos feminizados, en el deseo de derrocar el régimen patriarcal y hegemónico que vulnera los cuerpos disidentes.

PALABRAS CLAVE

Pezones, Activismo artístico, Pornoterrorismo, Performance

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Introdução

O pornoterrorismo é um movimento criado em 2001 pela artista e ativista cis Diana J. Torres ou, como é mais conhecida, Diana Pornoterrorista, que intenciona unir pornô e “terrorismo” em práticas que exploram a sexualidade a partir do lugar do enfrentamento, causando certo desconforto à norma. Desse modo, caracteriza-se como “uma forma de insurgência, divergência, contra a hegemonia, subversão, uma insurreição sexual e objeção de gênero, uma estratégia artística política para fazer dos nossos corpos as melhores armas” (Torres *apud* Nunez, Seffner e Méndez, 2019, p. 21). Além disso, manifesta-se como uma forma de performance e arte pública, com ações de rua que visam à masturbação pública, desgenitalização, arte corporal, fluídos e escatologia.

Assim, a partir das relações estabelecidas com o pornoterrorismo a partir das experimentações performáticas em questão para atingir essa base de enfrentamento, foi criado o projeto performático Mamilla Invertido. O projeto é uma reação à violência estrutural que censura mamilos lidos como “femininos” e tem como sua principal ação, vestir mamilos enquadrados anatomicamente como masculinos e expor os atravessamentos de duas corpos¹ inconformadas com as regulações sociais impostas. Ao elaborar ações pornoterroristas, teve-se a intenção de chocar contra as normas, seja por vias da ironia, intervindo na política do olhar e causando certo estranhamento nas próprias performers e em quem as assistia, além de confrontar a censura às nossas corpos. Configurou-se a ação como artista, alinhada à perspectiva do autor cis Miguel Chaia (2007) segundo ele, ativismo é uma forma de impactar e conscientizar a sociedade por meio da arte, onde artistas, ou coletivos produzem conceitos ou práticas, baseados em uma consciência crítica aguçada, através de métodos colaborativos de execução do trabalho, com participação direta e disseminação dos resultados obtidos. Dessa

¹ Utilizo “corpa” para ressignificar o lugar de corpo e superar o androcentrismo da palavra, assim como usam ou nomeiam movimentos LGBTQUIA+.

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

forma, as práticas desenvolvidas no projeto se alimentam da coragem de enfrentar/ mamar o sistema e provocar a reflexão acerca da violência direcionada a certas corpos, em especial os/as/us feminilizados, no desejo de derrubar o sistema hegemônico, pois a luta é pelo direito da liberdade de todas as corporalidades.

Irromper com a política do olhar

De maneira vigilante, pessoas com tetas aprendem e passam a maior parte da vida tendo que cuidar para que seus mamilos não apareçam em público. A partir do compartilhamento de desconfortos, decidimos dar vazão a essa inconformação, não só com a norma que regula e enquadra nossas corpos, mas com a exposição da contradição que é o acesso e a regulação dos mamilos enquadrados como anatomicamente “femininos. Assim nasce, em maio de 2023, o projeto Mamilla Invertido, desenvolvido a partir de práticas performativas que, em processo, se desdobraram em outras. Em sua estruturação inicial, foram produzidas fotoperformances², reconstruindo contextos heteronormativos³ em espaços simbólicos como parques e festas universitárias locais abertos, com uma gestualidade que reforçava tal masculinidade, mas contrastava com as nossas corpos, que mesmo exibindo os mamilos, não se encaixavam nesse tipo de representação. Em formato de intervenção no espaço e no olhar de quem está presente, realizamos pela primeira vez a performance que leva o mesmo nome do projeto, que consiste em na ação de colocar os mamilos e circular pelo local encarando as pessoas, além da leitura do texto do livro *Pornoterrorismo* (2011), de Diana J. Torres, e da montagem da instalação com as fotoperformances, materiais informativos denunciando a censura da nudez e uma exposição colaborativa com imagens de diversos tipos de mamilo. Por fim, elaboramos a ação de expor

² De acordo com a pesquisadora cis Jéssica Oliveira Lemos (2019), apareceu em 1960, primeiro no lugar do registro. Em seguida, transformou-se em um caráter criativo quando a fotografia passa a propor uma construção de imagens elaboradas para carregar outras narrativas e significados criados pelo performer. Dentre suas principais características, encontramos a ressignificação do espaço e da forma como o corpo é inserido na imagem, ao mesmo tempo que este se relaciona com o lugar fotografado.

³ Segundo Rafael Lobo (2016), a heteronormatividade se trata da norma que se cunha nos corpos a fim de torná-los homens ou mulheres, ativos ou passivos e assim por diante, tendo sempre como modelo de cunhagem a diferença sexual como modo de agir e de subjugar um corpo a outro.

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

os mamilos, chamada “Só mamilos”, que consiste em vestir-se de preto cobrindo toda a corpa e deixando apenas os mamilos de fora, visíveis.

O desenvolvimento do projeto em questão está alinhado as nossas investigações acadêmicas e utiliza, como método, a prática como pesquisa, que se configura, segundo as autoras cis Ciane Fernandes e Melissa Scialom (2022), um modo que a prática se torna o meio para realizar a pesquisa. Nesse sentido, ela orienta a investigação e determina não apenas a maneira de pesquisar, mas também a forma de se refletir sobre a pesquisa, estabelecendo um diálogo entre prática e teoria. Nesse modelo, por seu caráter processual, a pesquisa está sempre em “mudança constante” e a prática é integrada ao estudo a partir de resultados que surgem das experiências vivenciadas, em movimento contínuo de desenvolvimento, no qual as descobertas e aprendizagens ocorrem a partir das próprias práticas.

Para direcionar o nosso olhar analítico ante à pesquisa e prática desenvolvida, a noção de performance é central, visto que pode ser vista como um meio expressivo para a prática pós-pornoterrorista através dos saberes do corpo. Mas, além disso, alinha-se ao pensamento de Diana Taylor (2013), que pensa a performance como uma lente metodológica, na qual a própria performance é, em si, episteme e diz respeito a um modo de conhecer, não apenas a um objeto de estudo. Sendo assim, de acordo com a pesquisadora cis Josefina Alcázar citada por Laura Milano (2020) a ação performativa funciona como linguagem de expressão porque permite a reflexão e um conhecimento de si por meio da ação da corpa de artistas ou de toda pessoa que participa da prática performática, de modo a se tornar a matéria-prima com a qual experimentam, exploram, questionam, intervêm e transformam. Dessa forma, a formulação das práticas performáticas citadas partiu de roteiros elaborados por nós para guiar as nossas experimentações dentro do nosso estudo, o que se relaciona com o princípio de programa performativo proposto pela pesquisadora cis Eleonora Fabião e descrito por ela como o “enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

articuladas e conceitualmente polidas a serem realizadas pelo artista, pelo público ou por ambos sem o ensaio prévio.” (Fabião, 2013, p. 4)

Em razão disso, experimentamos com as nossas corpos as ações performativas de vestir os mamilos para intervir na Política do Olhar. Tal conceito foi cunhado pela pesquisadora cis Tais Lobo que, em sua dissertação de mestrado, *Antropofagia Icamiaba, contra-sexualidade e contra-cinema: a auto-pornografia como ferramenta de subversão política* (2014), associa o termo à pós-pornografia, pensada como uma intervenção de política do olhar para trazer novas corporalidades e prazeres. A partir disso, ela relaciona o conceito com a discussão que o pesquisador cis Marcos N. Beccari (2020) elabora acerca da “visualidade” como algo que não designa o que é visível, mas, antes disso, trata da organização do olhar. Nesse sentido, Beccari (2020), em perspectiva foucaultiana sobre a microfísica do poder (1978), afirma que a visualidade vai se constituir como relação. Assim como pensado por Foucault no que diz respeito ao poder, “também a visualidade não é uma coisa, mas algo que se exerce, que se efetua, que de algum modo funciona e se disputa.” (Beccari, 2020, p. 289).

Desgenerificar as corpos

A realização da performance e a exposição seguem acontecendo e, muitas vezes, são feitas no espaço acadêmico, por meio de saraus, mostras e simpósios. Como a participação do projeto, em 2024, tanto no Simpósio Internacional Fazendo Gênero da UFSC quanto na Mostra Milte da UEM. Com isso, buscamos uma aproximação com diferentes públicos para potencializar o debate público e político sobre a temática. Assim, por meio de bate-papos que são feitos após a performance, possibilitamos o compartilhamento de vivências e denúncias de violências, algo que fortalece a luta e engaja o trabalho.

Conforme registramos o processo por meio das fotografias, foi possível perceber alguns desafios, como a objetificação de nossas corpos mesmo em estado de distorção e intervenção. Sabíamos que o desejo de intervir no espaço era um risco que assumíamos, ao nos colocar

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

vulneráveis diante da percepção das pessoas que estavam ali, pois ainda que pudéssemos chocá-las, escancarou a sexualização naturalizada de corporalidades colocadas como femininas. Ao visitar o Parque de Recreação-Zerão em Londrina-PR, onde havia um campinho de futebol, os sujeitos ali presentes entraram em postura ativa do “olhar encarado”, o que, além de nos causar desconforto, causou extrema revolta, pela incompatibilidade entre nossa proposta e o que estávamos recebendo do olhar do outro. Entretanto, não desistimos de ocupar o lugar com a nossa presença extracotidiana e nos apropriarmos da falsa liberdade que os mamilos ofereciam.

Outro ponto a respeito dessas dificuldades que apareceram a partir dessa montagem foram as gambiarras e os esforços que fizemos para colar as imagens. Por vezes, pareciam excessos se desprendendo da corpa. Em processo, vimos o quanto o uso deles não nos cabia, o tanto de fita que colocamos para que ficassem bem grudados, mas que, com o suor e o contato da pele, não se incorporavam totalmente, porque o que faria mais sentido é que não precisássemos deles.

Ao nos saturarmos do meio heteronormatizado do espaço público, resolvemos ir para algo mais íntimo e privado, o ambiente do quarto. Com o propósito de provocar as narrativas de gênero que binarizam as corpas e seus comportamentos, brincamos com sua performatividade e quebramos com suas ficcionalidades, ao adentrar, dessa vez, aos elementos do universo “feminino”. De frente ao espelho, vestimos os mamilos enquanto nos maquiávamos e arrumávamos o cabelo um do outro. É como se abrissemos novas potencialidades de existência que escapassem a essas configurações de gênero.

Na segunda parte do projeto, o desejo de irromper com a política do olhar se junta à vontade de construir uma instalação composta com as fotoperformances, por materiais de diferentes meios, como reportagens e matérias que denunciasses a censura e violência aos mamilos “femininos”. Em longa busca, nos dividimos para encontrar esses conteúdos, visto que, tendencialmente, pelo estigma dos mamilos, é possível que exista mais casos do que os reportados tanto na mídia, como no circuito social. Contudo, fomos persistentes e selecionamos

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

diversas situações em que sempre a pessoa com tetas é prejudicada e, por vezes, violentada. Com isso, decidimos expor esses casos e discussões, deixando-os em evidência junto às fotos. Foi uma das maneiras que encontramos de perfurar o automatismo de quem passasse pela instalação e se dispusesse a olhar os materiais.

Nessa mesma dinâmica de interferir na política do olhar das pessoas, um de nós sugeriu a criação de uma exposição de mamilos diversos, que pudesse ser exposta juntamente com o varal da intervenção performática. Para executá-la, precisávamos que fosse algo colaborativo. Assim, criei um formulário online, no qual as pessoas poderiam anexar suas imagens dos mamilos. De início, foi difícil receber essas fotos, divulguei nas redes sociais, mas não houve adesão. Foi necessária a ajuda de amigos próximos para mandarem as imagens e divulgarem, e logo o formulário obteve alcance considerável.

A primeira vez que montamos a instalação, me pareceu que as pessoas a colocaram como algo distante para lidar. Escolhemos colocá-la no centro da pracinha do CECA- Centro de Comunicação e Artes da UEL durante o horário de movimento do intervalo, e nos colocamos em frente a ela trajando os mamilos. Os curiosos de longe nos observavam, mas pareciam ter medo de se aproximar, e tinham aqueles que nos ignoravam e fingiam normalidade diante da nossa estrutura. Naquele dia, infelizmente, somente uma pessoa foi visitar nossa exposição.

Nas seguintes apresentações, esse distanciamento foi diminuindo, talvez pelo fato de a performance estar integrada a eventos acadêmicos e ativistas, o que pode ter oferecido maior visibilidade e abertura para o reconhecimento do nosso trabalho. Ao mesmo tempo, temos a noção de que, se apresentássemos essa ação na rua, interviríamos no cotidiano dos espaços e das pessoas, o que por consequência poderíamos ser atacados ou algo do tipo. Muitas vezes pude presenciar os atravessamentos que nossa instalação proporcionou, como quando apresentei na primeira Mostra de Artivismos de Londrina e captei o diálogo extraordinário de senhoras se questionando sobre a obrigatoriedade dos sutiãs. Mas também já fui abordado por

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

um grupo de homens cis que ficaram incrédulos com a imagem dos mamilos no lixo e foram me interrogar sobre, e de maneira debochada, não fui didático e muito menos mastiguei nada para eles, preferi deixá-los "fritar" a cabeça com suas percepções e estranhamentos.



Figura 1- Mamilla Invertido, Mostra DEART- UFOP (Abrace), Ouro Preto/mg, 2025.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Junto da exposição, costumo fazer uma leitura performativa de um texto que traz, em palavras, as provocações que fundamentam nossas práticas, é um trecho do livro

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Pornoterrorismo (2011) de Diana J. Torres ou Diana Pornoterrorista. Gosto de ler pausadamente suas perguntas emblemáticas e, com ironia, olhar nos olhos de cada um presente, na tentativa de convidá-los a estranhar junto comigo aquilo que nos foi imposto. Como observa-se no trecho do livro de Diana:

O mais chato não era que eles pudessem mostrar suas tetas (que eles também têm ali, pequenas e discretas), mas que nós não pudéssemos fazê-lo, justamente em Atenas, berço da democracia, definitivamente culpada de que usar roupas seja uma imposição e não uma questão utilitária. UMAS TETAS SÃO PERIGOSAS? Parece que sim, que são granadas de mão, armas poderosas para desestabilizar qualquer estrutura." (Torres, 2011, p. 26-27)

Esse conjunto de práticas busca confrontar o sistema normativo que ainda reforça papéis de gênero baseado em uma biologia cromossômica e genitalista. Logo, o processo de descategorização proposto por elas brinca com a biologia porque não a considera uma verdade, mas um campo de disputa. Questionamentos à biologia foram travados há muito tempo: a luta teórica e as práticas feministas dos anos 1990 já sentiam que uma categoria fixa da identidade mulher era limitada, sendo a incorporação da norma para reivindicação de condições mínimas de existência, “ainda baseada na exclusão de uma gama de existências outras” (Butler, 2010, p. 18). Finalmente, em 2021, pudemos ter acesso à “Invenção das mulheres”, de Oyèrónkẹ Oyěwùmí, em que a autora cis entende as noções de “homem” e “mulher” como ficções binárias fundacionais no discurso ocidental, baseadas em simples pares de oposição de ausência ou presença de determinado órgão (Oyèwùmi, 2021, p. 15).

Desse modo, fizemos do projeto também uma ficção, que não ocupa somente o campo biológico, mas, ainda, o campo de práticas simbólicas do que se convencionou chamar “masculino” ou “feminino”. Se, como Butler (2010) indicaria, gênero se faz, fazendo e sempre a partir da performatividade como atos reiterados pela linguagem, utilizamos a performance como linguagem de experimentação da própria performatividade e criamos todos os gêneros possíveis: descategorizados, fluidos e em constante mudança. Ao realizarmos a ação de

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

incorporar os mamilos “masculinos”, fizemos dos nossos desencaixes não receptores passivos da gestão normativa, mas os usamos, a partir das nossas corpos, como potências criativas, por meio das quais propomos novos sentidos, como se visualiza na figura 2, logo abaixo:



Figura 2- Primeira fotoperformance da série experimental: “Pós-gol de placa”, 2023 em Zerão, Londrina/PR.

Fonte: acervo pessoal do autor.

“Só mamilos”

Usei as contradições que surgiram do processo para montar uma ação contrária, isto é, expor os meus mamilos. As fotografias feitas são registros da performance “Só mamilos” que realizei junto a outros/as/es colegas de turma que estavam performando na pracinha do CECA, como parte da finalização da disciplina de interpretação IV do curso de Artes Cênicas da UEL, orientada pelo professor cis Aguinaldo Souza Moreira. Tudo surgiu a partir de um exercício que realizamos de fazer um amigo secreto de performances, do qual fui desafiada pela pessoa que me tirou a desenvolver melhor as ideias deste projeto em questão. Ao voltar a me relacionar

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

com o princípio de programa performativo proposto por Fabião, formulei algumas ações que focaram em cobrir toda a minha corpa e só deixar à mostra os mamilos:

Local: Lugar movimentado no CECA- UEL

- Em casa, escolha luvas, uma blusa preta de manga comprida e, com uma tesoura, faça duas aberturas na região dos peitos. Corte uma das pernas da meia-calça e a transforme em uma touca.
- Escolha um lugar movimentado para despir-se.
- Coloque as roupas, a touca e as luvas pretas, fazendo com que sua corpa seja toda coberta, deixando de fora somente os mamilos.
- Faça algumas fotografias do seu look.
- Depois, fique livre para fazer o que quiser.

Entre as percepções que tive fazendo, foi que interferir no espaço com a minha presença alcançou o lugar do choque com maior força, uma vez que, ao expor os meus próprios mamilos, estou desafiando a exclusão que me foi designada. Mesmo que estivesse com a cara mascarada, conseguia ver a fuga dos olhares diante de minha corpa, era visível o desconforto que minhas tetas geravam nas pessoas.

Dessa forma, ao realizar a preposição, tive outras reverberações, e fui além das ações propostas. Além disso, participei das outras práticas performativas dos meus colegas que estavam dialogando com a minha ação e interagi com o espaço em minha volta. O interessante foi perceber como aquele traje me oferecia outra postura e visualidades, não mais me camuflar com mamilos “masculinos”, permitiu, por um momento, vivenciar uma outra autonomia. Reconheço que estar respaldado pela disciplina me protegeu de possíveis acusações ou processos que poderiam vir diante daqueles que não sabem lidar com as minhas tetas. Por isso, ainda reflito se faria essa ação novamente e os riscos que assumiria.

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Figura 3- Só Mamilos, CECA- UEL, Londrina/PR, 2024.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Considerações Finais

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Tentou-se expressar, em termos teóricos e práticos da presente escrita, uma discussão sobre o processo de desenvolvimento do projeto performático Mamilla Invertido como estudo que fomenta a minha pesquisa acadêmica a respeito de performance e pornoterrorismo. Bem como as práticas desenvolvidas se alimentam dessa coragem pornoterrorista de enfrentar o sistema usando as nossas corpos como armas e convocam a todes a refletirem sobre a problemática em questão. A partir das experiências trazidas, é percebido o quanto estamos levando o projeto para novos lugares, que estão abertos a impulsionar ativismos e conseguimos ocupar esses territórios com as nossas corpos desgenerificadas, e a provocar a todes a mover junto, a pensar e olhar do novo. Com isso, pontua-se que se quer, com o Mamilla Invertido, lutar pelos nossos direitos e trazer a corpa metamorfozada, meio homem, meio mulher, meio nada, meio tudo: estamos em movimento, estamos em disputa.

REFERÊNCIAS

BECCARI, Marcos N. **Visualidade e política a partir de Foucault**. Arte e Ensaios, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 40, p. 283-295, jul./dez. 2020. ISSN-2448- 3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n40.19>.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CHAIA, Miguel. Artivismo- Política e Arte hoje. **Revista Aurora**. São Paulo. n.1, julh. 2007.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O Corpo-em-experiência. IN: **Revista LUME Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais UNICAMP** n.4. Campinas, 2013.

KURY, Bruna, Mogli. **A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade**. São Paulo: feira livre, 2021.

Mamã Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

LEMOS, Jessica Oliveira. **CORPO, IMAGEM E PERFORMATIVIDADE NA FOTOGRAFIA**: um estudo sobre a linguagem da foto performance. Dissertação em artes da cena, Universidade Federal de São João Del Rei. 2019.

LOBO, Rafael Haddock. Preciado e o pensamento da contrassexualidade(uma prótese de introdução). **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**. Rio de Janeiro, v.9 n° 2, p. 77-92, 2016.

LOBO, Tais. **ANTROPOFAGIA ICAMIABA**: Contra-sexualidade e contra-cinema: a auto-pornografia como ferramenta de subversão política. Monografia em cinema e audiovisual pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2014.

MILANO, Laura V. **UN PORNO PRÓPRIO: ESCENA CULTURAL, ASCTIVISMO Y SEXUALIDADES EM LA POSPORNOGRAFÍA EM ARGENTINA (2011-2018)**. 2020.358f. Doctorado (Tesis em ciências sociais), Universidad de Buenos Aires.2020.

NUNES, Harigi Borba, SEFNER, Fernando, MÉNDEZ, Natalia Pietra. “O corpo histórico: meu dildo goza terrorismo” Pós-pornografia e pornoterrorismo na contemporaneidade - Uma analítica de ruptura. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 103-126, ago. 2019.

OYEWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRECIADO, Paul B. Museu, basura urbana y pornografía. Zehar. **Revista de Arteleku-ko aldizkaria**. n. 64, 2008.

SARMET, Éri. “**SIN PORNO NO HAY POSPORNO**”: Corpo, Excesso e Ambivalência na América Latina.2015.135 f. Dissertação em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SCIALOM, Melina, FERNANDES, Ciane. Prática Artística como Pesquisa no Brasil: Reflexões Iniciais. **Revista de Ciência Humanas**. v. 22, n. 2, julho-dezembro, 2022.

TORRES, Diana. **Pornoterrorismo**. Tafalla: Txalaparta, 2011.

TAYLOR, Diana. **Performance**. Editora Perspectiva, 2023.200 p.

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

TAYLOR, Diana. Qué es uma performance? Lunes a Viernes. VIA X. 2016. 1 vídeo. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=to9jSVcj6KU&list=PLIzEHUiQ5gkr2PYTUh_L2WiSIKGyjrhp&index=7. Acesso em: 18 junho. 2025.

Mamilla Invertido: ações pornoterroristas e artistas para enfrentar a cisnormatividade

MAJU FERRETTI

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 05 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025